

**Artigo Especial: 18 anos da Revista Hospitalidade**

**Teóricos inspiradores da(s) Escola(s) Brasileira(s) de Hospitalidade(s) e os perigos da hospitalidade única: conversas, trocas e infinitudes**

**Inspiring theorists of the Brazilian Hospitality School(s) and the dangers of the single hospitality: conversations, exchanges and infinities**

**Teóricos inspiradores de la(s) Escuela(s) Brasileña(s) de Hospitalidad y los peligros de la hospitalidad única: conversaciones, intercambios e infinitos**

Leandro Benedini Brusadin<sup>1</sup>

**Resumo:** A pesquisa em Hospitalidade parte da premissa da partilha e do coletivo e insere-se impreterivelmente com o outro e não sobre o outro. Nesse artigo utilizaremos as entrevistas realizadas e publicadas com Luiz Octávio de Lima Camargo, Conrad Lashley e Anne Gotman para estabelecer um diálogo com estes pesquisadores e entre tais, sob a nossa mediação, acerca dos paradigmas da Hospitalidade. A metodologia baseia-se na análise de conteúdo de tais entrevistas e na observação participante de cada entrevista realizadas in loco, somada a elementos etnográficos que compõem a análise diante do nosso ponto de vista. Estes pesquisadores foram inspiradores de pesquisas diversas do que aqui repensamos como Escolas Brasileiras de Hospitalidades - tratada efetivamente no plural. Assim como não deve existir História única, não pode existir Hospitalidade única, já que os perigos da História única são os mesmos da Hospitalidade única: a criação de estereótipos e estigmas.

**Palavras-Chave:** Escolas Brasileiras de Hospitalidades, Camargo, Lashley, Gotman, Hospitalidade única.

**Abstract:** The research in Hospitality is based on the premise of sharing and of the collective and is inevitably inserted with the other and not on the other. In this paper, we will use the interviews carried out and published with Luiz Octávio de Lima Camargo, Conrad Lashley and Anne Gotman to establish a dialogue with these researchers and among such under our mediation about the paradigms of the Hospitality. The methodology is based on the content analysis of such interviews and on the participant observation of each interview carried out in situ, added to ethnographic elements that make up the analysis from our point of view. These researchers were the inspiration for several studies of what we rethink here as Brazilian Hospitality Schools - effectively treated in the plural. Just as there should not be a single History (Adichie, 2019), there cannot be a single Hospitality, since the dangers of a single History are the same as those of a single Hospitality: the creation of stereotypes and stigmas.

**Keywords:** Brazilian Hospitality Schools, Camargo, Lashley, Gotman, Single Hospitality.

**Resumen:** La investigación en Hospitalidad parte de la premisa del compartir y del colectivo y se inserta inevitablemente con el otro y no sobre el otro. En este artículo, utilizaremos las entrevistas realizadas y publicadas con Luiz Octávio de Lima Camargo, Conrad Lashley y Anne Gotman a establecer un diálogo con estos investigadores y entre ellos bajo nuestra mediación acerca de los paradigmas de la Hospitalidad. La metodología se basa en el análisis de contenido de dichas entrevistas y en la observación participante de cada entrevista realizada in loco, más a elementos etnográficos que componen el análisis desde nuestro punto de vista. Estos investigadores fueron la inspiración para varios estudios de lo que aquí repensamos como Escuelas Brasileñas de Hotelería - efectivamente tratadas en plural. Así como no debe haber una Historia única (Adichie, 2019), no puede haber una Hospitalidad única, ya que los peligros de una sola Historia son los mismos que los de una solo Hospitalidad: la creación de estereotipos y estigmas.

**Palabras clave:** Escuelas Brasileñas de Hospitalidad, Camargo, Lashley, Gotman, Hospitalidad única.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: leandrobrusa@hotmail.com

### **Escolas Brasileiras de Hospitalidades: os perigos da hospitalidade única**

Antes de apresentar o que o presente artigo aborda é imprescindível esclarecer o que este texto não se propõe, inclusive pelos próprios limites científicos de qualquer pesquisa acadêmica. Não se pretende fazer um levantamento bibliométrico sobre a produção da pesquisa em Hospitalidade<sup>2</sup> com uma nuvem de palavras dos termos mais utilizados e com os periódicos que mais produzem sobre o tema. Também não se cogita elencar os principais autores e correntes científicas referentes ao estudo da Hospitalidade posto em categorias analíticas. Embora esses tipos de pesquisas evidenciem a significância de uma dada área de pesquisa e ainda possibilitem aos pesquisadores o conhecimento do estado da arte sobre a temática, aqui nos importa extrapolar os paradigmas científicos contemporâneos e seus entraves por meio do usufruto de ferramentas que a própria hospitalidade evoca: as conversas, as trocas e suas infinitudes.

Neste sentido, este artigo se dedica a estabelecer um diálogo com pesquisadores entre os quais já sentamos a mesa e conversamos sobre a(s) Hospitalidade(s) e seus rituais de acolhimento. Além disso, nos propomos trazer as nossas próprias experiências e reflexões teóricas em um diálogo com o leitores atentos ao tema em debate. No campo acadêmico, o trato da pesquisa em Hospitalidade geralmente surge sobre um determinado grupo social ou espaço. Ora, para fazer jus ao campo não deveríamos tratar a Hospitalidade sobre o outro, mas sim com o outro em uma perspectiva relacional. A pesquisa em Hospitalidade parte da premissa da partilha e do coletivo e insere-se impreterivelmente com o outro - as pessoas, os animais, os lugares, os objetos, os tempos.

Dito isso, não se trata de ter o domínio e a posse da Hospitalidade enquanto campo científico, algo corrente no âmbito acadêmico em diversas áreas, mas sim, compartilhá-la em um instrumento teórico-prático do seu próprio pôr em causa. As partilhas científicas podem ser realizadas de diversas formas, em salas de aula, em eventos, na publicação de textos e em encontros que nos transformaram em quem somos.

A partir deste pensamento, nesse artigo utilizaremos as entrevistas realizadas e publicadas com Luiz Octávio de Lima Camargo (Brusadin, 2016), Conrad Lashley (Brusadin, 2016) e Anne Gotman (Brusadin, 2020) para estabelecer um diálogo com estes pesquisadores e

---

<sup>2</sup> Para efeitos didáticos utilizaremos “Hospitalidade(s)” com letra maiúscula para se referir ao campo de estudo e “hospitalidade(s)” em letra minúscula para o substantivo propriamente dito.

entre tais sob a nossa mediação. A metodologia de entrevistas é uma forma científica acessível para o conhecimento de uma dada temática diante da franqueza que a oralidade nos traz a qual pode se tornar um registro de memória e afeto. Todos os procedimentos metodológicos utilizados para a realização de entrevistas enfatizam a seriedade deste tipo de trabalho acadêmico. Tal como a Hospitalidade, a entrevista não é sobre o outro, mas com o outro. A metodologia deste artigo, propriamente dito, baseia-se na análise de conteúdo de tais entrevistas e na observação participante de cada entrevista realizadas in loco, somada a elementos etnográficos que compõem a análise diante do nosso ponto de vista.

A intenção desse texto é refletir os paradigmas dos estudos em Hospitalidade na perspectiva destes entrevistados. A hipótese é que Camargo, Lashley e Gotman se tornaram personagens representativos de supostas escolas de pensamento da Hospitalidade e inspiraram a formação do que precocemente denominamos anteriormente como Escola Brasileira de Hospitalidade (Brusadin, 2022). Naquele momento a ideia de uma Escola Brasileira de Hospitalidade pensava na construção de uma identidade brasileira com os princípios da diversidade científica que contemplam nossos estudos avançados. Entretanto, refletimos que estes mesmos pesquisadores que aqui abordamos foram inseridos em escolas das quais são, muitas vezes, limitantes para eles próprios. Foi então que percebemos que a ideia de se estabelecer correntes científicas e situar representantes de tais em escolas pode incorrer em riscos, pois uma corrente aprisiona e estabelece fronteiras que não parecem dar conta das relações humanas mais complexas, sobretudo nas Hospitalidades.

Dessa maneira, o objetivo deste artigo é debater teoricamente as entrevistas realizadas com Camargo, Lashley e Gotman considerando que os mesmos foram e ainda são inspiradores de diversas pesquisas do que aqui repensamos como a(s) Escolas(s) Brasileiras(s) de Hospitalidade(s) - tratada efetivamente no plural. Temos em mente que não podemos dimensionar uma única vertente apenas deste estudo diante da amplitude e da diversidade temática de como a Hospitalidade é ensinada e pesquisada, especialmente no Brasil. Assim como não pode existir história única, tal como nos ensina Chimamanda Adichie (2019), não pode existir hospitalidade única, nem em sua prerrogativa de estudo, nem na sua forma substantiva. Os perigos da história única são os mesmos da hospitalidade única: a criação de estereótipos e estigmas. Se a vida não cabe em caixas, as histórias, os espaços e as hospitalidades também não.

É chegado o tempo de superar as dicotomias postas pela invenção de arquétipos sociais, pela criação de escolas de pensamento únicas, pelas tipologias de hospitalidade e de categorias de análise que fragmentam o tecido social em suas formas de reciprocidade. Ainda que alguns elementos possam ser justificados no sentido didático-científico, os mesmos estão longe de alcançar a integralidade e a transversalidade dos atos de hospitalidade (e hostilidade).

### **Os embaraços de pesquisar a(s) Hospitalidade(s)**

Antes de estabelecer o diálogo entre os pesquisadores que nos propomos cabe algumas palavras sobre as dificuldades de compreensão do ensino, da pesquisa e da extensão em Hospitalidade. Quem estuda, leciona ou pesquisa Hospitalidade saberá das dificuldades das quais vou me referir. Parte-se do engano que ensinamos os outros a serem simpáticos e de, inclusive, termos que ser também. Nem sempre isso é possível, quanto muito ensinar sobre empatia - termo mais adequado ao tratar de Hospitalidade. No entanto, podemos falar sobre os atos de cuidar e assistir o outro. Quando se trata de trabalhar cientificamente com Hospitalidade no contexto brasileiro isso se torna ainda mais complexo.

A primeira dificuldade - a mais natural - é como ensinar Hospitalidade para um povo autointitulado hospitaleiro? Sergio Buarque de Holanda (1995) nos auxiliou a refletir isso com o "homem cordial" que não pressupõe bondade e civilidade. Ora, exatamente por isso estamos estudando, cada vez mais, as formas brasileiras de hostilidade e de exclusão social presentes na história. A Hospitalidade a qual referimos se vale dos sistemas de trocas e suas lógicas de poder, da alteridade, do laço social e das políticas e das relações de reciprocidade que dizem respeito a tal.

A segunda dificuldade - a mais latente - é se esperar que construiremos um manual de hospitalidade para que seja empregado em uma cidade, em uma empresa do ramo ou em uma festa de aniversário. Quantas palestras não fomos convidados para isso e que possivelmente decepcionamos muita gente por não sermos capazes de tal. O que parece ser inaptidão é, na verdade, uma dada ética da Hospitalidade de reconhecer que conseguimos estudar os rituais de hospitalidade, mas não podemos colocá-los em um molde pré-fabricado preenchido com relações artificiais onde todos-as parecem felizes em suas completudes. Algumas exposições hollywoodianas como *Show de Truman* (1998) e *Beleza Americana* (1999) já trataram disso

criticamente ao ponto de mostrar que a aparência social não se coincidem com as entranhas mais profundas de nossas relações sociais.

A terceira dificuldade - a mais dolorida - em pesquisar Hospitalidade é explicar o seu estudo para os seus próprios pares, os acadêmicos. Assim como o Turismo, a Hospitalidade enfrenta barreiras para penetrar em campos de estudos com os quais está necessariamente imbricada. Me refiro mais as ciências que, por vezes, carregam um dado conservadorismo em nome da defesa do seu próprio campo e considera o outro um invasor, especialmente um campo em construção como este cuja nomenclatura já é estereotipada. Para lidar com isso tivemos pesquisadores oriundos de áreas científicas ditas mais tradicionais que se abriram ao campo da Hospitalidade e que nos convidaram para entrar. Disseram sim ao recém-chegado, tal como enunciou Derrida (1997).

Apesar destas dificuldades, é inegável o avanço da pesquisa em Hospitalidade no Brasil. Dialeticamente são essas mesmas dificuldades que nos desafiam cotidianamente e acabam por incrementar a produção científica brasileira com trabalhos instigantes. E isso devemos a professores-as e pesquisadores-as que nos precederam e tiveram a coragem de ousar sobre um tema que poucas décadas atrás praticamente inexistia no sentido acadêmico e institucional. Taí o sentido de celebrar ou mesmo reivindicar os avanços científicos da Hospitalidade perante esforços de pesquisadores-as em diversos programas de pós-graduação pelo país, seja na área propriamente dita ou em outras que estão dialogando com ela dentro e fora do país.

Após essas breves observações, enfim trazemos os três teóricos - Camargo, Lashley e Gotman - para a conversa e discutir a pesquisa em Hospitalidade, suas reflexões e seus dilemas e, mais do que isso, suas palavras ditas por meio das entrevistas. Kant (2006) disse que a Hospitalidade é uma conversa jogada fora. Eis o exercício que aqui tentamos praticar: fazer da Hospitalidade, ela própria, uma plataforma de diálogo e de entendimento acadêmico mútuo e plural.

### **O momento das entrevistas: três encontros com a(s) Hospitalidade(s) em pessoa(s)**

A hospitalidade se dá por meio dos encontros. Foram três encontros distintos: três países, três línguas, três trocas, três conversas. Não foram encontros quaisquer, ainda que um encontro ocasional qualquer seja importante para a própria hospitalidade em nossos cotidianos. Tiveram local, data e horário agendados. Encontros especiais que geraram infinitudes.

### **Encontro com Camargo: do esquecimento da data à dádiva das palavras**

O primeiro encontro se deu com o Prof. Luiz Octávio de Lima Camargo, em 2016, que já tinha sido meu professor no Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi no ano de 2003. Agendamos na mesma universidade em um campus no centro de São Paulo. Como é de praxe para qualquer pesquisador, cheguei antes da hora marcada para me ambientar. Com o passar do tempo, Luiz Octávio não chegava e eu entrei em contato. Mediante a tantos compromissos, o professor se esqueceu. Mas em poucos minutos disse que chegaria e assim ocorreu. A entrevista foi realizada em uma sala de aula de gastronomia, espaço simbólico para um professor de Hospitalidade. Luiz Octávio respondeu às questões com a serenidade e a irreverência que lhe são próprias. As suas palavras parecem transformar teorias complexas em pequenos atos do cotidiano e, por meio delas, a hospitalidade se transformou em um campo científico com letra maiúscula no Brasil. Ao final da entrevista chegaram alguns alunos da graduação e um deles perguntou (cobrou) ao professor sobre a correção de um trabalho. Tive a impressão que aqueles estudantes desconheciam o alcance do trabalho daquele professor como pesquisador. Já que Luiz Octávio fala tanto sobre cenas de hospitalidade, desta eu sempre me lembro quando isso ocorre comigo no meu cotidiano acadêmico. E assim ele foi dar aula como um dia qualquer e eu saí com uma entrevista que merecia ser publicada, mas não apenas isso. A entrevista se deu por meio de leis não escritas, por uma conduta ética com o outro – o outro é um pesquisador, um professor e um ex-aluno que fez um convite e o anfitrião o acolheu com virtuosidade para a ocasião proposta, em meio a atos previstos e não previstos.

### **Encontro com Lashley: do equipado Hotel Escola ao manifesto comunista**

O segundo encontro foi Conrad Lashley, em 2016, na Stenden University of Applied Sciences que se localiza na cidade de Leeuwarden na Holanda. Ao chegar na universidade perguntei sobre o professor e fui direcionado ao Hotel Escola da Universidade onde tem um restaurante aos moldes daqueles que impressiona nós – latinoamericanos, sobretudo dentro de uma universidade. Quanto entramos neste tipo de lugar no exterior caímos na tentação do nosso pensamento colonizado de acreditar que ali o trabalho acadêmico pode ser melhor, mas sabemos que isso é mais complexo, tanto diante da nossa realidade quanto na deles próprios. Lashley chegou rapidamente e pediu um café para uma das estudantes que ali pareciam estagiar. A

entrevista foi realizada de forma objetiva, porém com um relato que transcende os próprios escritos do autor que se declarou comunista. Logo ali dentro daquele espaço universitário que parecia mais dedicado a atender ao mercado hoteleiro do que aos problemas sociais e desigualdades do mundo contemporâneo. Contradição? Me parece que não, apenas paradoxos da nossa existência. Ao final da entrevista nos despedimos porque eu não poderia permanecer por mais tempo em Leeuwarden, ainda que Lashley tenha convidado. Fato é que tanto a universidade quanto a cidade pareceram tão preparadas para a hospitalidade que me pareceu faltar algo – algo que não estava previsto - e isso ocorreu. Algo que não comentei antes. Antes do encontro com Lashley pedi um café com um sanduíche em outra cafeteria da Stenden University e por lá somente aceitavam o cartão da própria universidade. Quanto já haviam preparado o pedido e fui avisado disto, um desconhecido se ofereceu e pagou a conta para mim, e não aceitou o meu dinheiro em troca, mesmo com minha insistência<sup>3</sup>. A oferta da comensalidade é realmente uma forma de hospitalidade, especialmente de um desconhecido para outro desconhecido em um momento de necessidade.

### **Encontro com Gotman: do acolhimento na sua casa à fita do buquê de tulipas**

O terceiro encontro com Anne Gotman, na verdade, foi fruto de vários outros. O primeiro encontro foi durante o pós-doutoramento realizado na EACH-USP (2014-2015) onde realizamos uma primeira entrevista como parte daquela pesquisa. No entanto, a entrevista que foi publicada e aqui utilizada não foi a desse período. Eu senti, naquela ocasião, que poderíamos ter outras oportunidades de encontros e assim ocorreu. Em uma segunda oportunidade de outro pós-doutoramento voltei a procurar Anne Gotman e fui acolhido na Université Paris V (2018-2019), sob sua supervisão, para pesquisa na área de Sociologia Urbana em que os estudos de Hospitalidade foram a base do processo. Dentre encontros na universidade e alguns cafés parisienses para orientação da pesquisa, também fui recebido algumas vezes em sua casa, dentre estas para esta entrevista realizada no ano de 2019. Em sua casa, em Paris, cujo código da residência eu já possuía, ela me acolheu na data agendada e logo perguntou porque faria outra entrevista se eu já tinha feito uma anterior. Eu respondi que aquela seria em francês (diferentemente da primeira realizada em inglês) e que eu estava mais preparado para tal. Voilà!

---

<sup>3</sup> Nossa insistência, pois minha esposa estava comigo nas três entrevistas e a quem agradeço carinhosamente.

A entrevista foi realizada na sala biblioteca da casa da pesquisadora com café e biscoitos amanteigados onde permanecemos por algumas horas. Durante o período do pós-doc na França, a hospitalidade francesa, por vezes estereotipada como fechada ou truculenta, foi por mim ressignificada. Daí o perigo da hospitalidade única – os estereótipos. Ao final deste encontro, propriamente dito, uma cena me chamou a atenção de algo que eu não havia percebido. Anne Gotman estava com a fita que prendia o buquê de tulipas que eu havia lhe presenteado amarrada no próprio pulso: um laço social simbólico de fato. Os gestos são formas de hospitalidade que se sobrepõem a materialidade dos presentes, ainda que alguns objetos signifiquem a alma dos encontros e das pessoas envolvidas neles.

Dos três encontros aqui apresentados com Camargo, Lashley e Gotman tive percepções diferentes de acolhimento. São pesquisadores compromissados com os seus estudos com os quais pude sentir as suas palavras para além dos textos, para além das referências. Foram os gestos, os olhares e, sobretudo, o tempo que dedicaram a isso de forma livre. Em tempos de falta de tempo, ele próprio - o tempo - é uma dádiva quando o doamos a algo ou a alguém. No sentido simbólico da hospitalidade, o lugar das entrevistas pode ter interferido no conteúdo das mesmas. Os dois primeiros em universidades e o terceiro na casa da entrevistada, obviamente mais a vontade, anfitrião e hóspede. Todos os encontros, ainda que motivados pelo trabalho, nos deixaram marcas que estão para além do utilitarismo e dos cálculos do que o trabalho acadêmico nos modela. Eis um exercício de hospitalidade.

### **Os interesses pelo tema da Hospitalidade: as humanidades**

Primeiramente nos importa tratar de como Camargo, Lashley e Gotman se dispuseram a estudar Hospitalidade. Porém, aqui não trataremos da biografia dos autores em si, as quais certamente mereciam estudos aprofundados, mas sim, de como os mesmos se interessaram sobre o tema da hospitalidade e as possibilidades dessa área de pesquisa a partir de suas palavras nas entrevistas.

Camargo iniciou sua entrevista dizendo que podia falar livremente justamente pelo fato de ser uma entrevista e menciona que seu interesse pelo estudo da hospitalidade se deu pelo encanto com a obra de Marcel Mauss na perspectiva da dádiva: "pude experimentar tudo aquilo, para mim foi uma epifania e alguma coisa fechou na minha cabeça e me forneceu sentido" (Camargo em entrevista a Brusadin, 2016, p. 242). Neste sentido, para Camargo a perspectiva



da dádiva permitiu um encontro entre a socioantropologia e a hospitalidade, especialmente por meio do fenômeno do lazer que o mesmo havia estudado na França com o sociólogo Joffre Dumazedier. O trabalho em cursos de Turismo e, mais especificamente, no Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi parecem ter sedimentados a pesquisa do autor nesta área.

Lashley, na mesma linha de raciocínio que Camargo, disse que o estudo da hospitalidade proporcionou a ele abrir campo para as Ciências Sociais: "para que possamos olhar para a Antropologia, para que possamos ver como as culturas diferentes recebem hóspedes e as obrigações com as quais precisamos lidar" (Lashley em entrevista a Brusadin, 2016, p. 10). Lashley disse acreditar que a Hospitalidade permite uma visão mais crítica para a educação na área de modo que seja possível formar "profissionais filosóficos" ao ponto de não formar pessoas apenas para o setor. Nessa linha de raciocínio, Lashley vem pesquisando ultimamente as formas de hostilidade com os trabalhadores do turismo e da hotelaria.

Gotman, ao ser perguntada sobre o interesse pelo tema da hospitalidade, diz que primeiramente apreendeu questões da arquitetura, geografia urbana e sociologia e, a partir de um professor que atuou como seu mentor, trabalhou no campo do patrimônio. Ela ainda pesquisou as questões de herança e transmissão, especialmente sob influência da morte da mãe. Gotman afirmou na entrevista que acredita que a Hospitalidade foi a síntese da abordagem ao estudo da habitação, da família e da transmissão. Importante comentar que a pesquisadora ainda trabalhou com pesquisa sobre religião, identidade (cirurgia plástica) e, no período da entrevista, estava pesquisando a memória dos militares ao morrer pela pátria. A amplitude científica de pesquisa da Gotman nos faz pensar como podemos estabelecer elos entre vários objetos e campos do conhecimento e não necessariamente estar preso a uma única temática de estudo em sentido linear do conhecimento. É difícil compreender isso no contexto brasileiro porque somos moldados a ser especialista de uma área em si, fato que pode nos impedir de um diálogo com questões mais amplas da sociedade.

Interessante notar que apesar de os três pesquisadores estarem vinculados a escolas supostamente distintas (brasileira, anglo-saxã e francesa), os mesmos tiveram em comum o interesse pelo estudo da Hospitalidade a partir do atributo humano e social. Nas respostas dos entrevistados, vê-se o tanto que a subjetividade dos afetos infere nas escolhas dos elementos de pesquisa ao mencionarem as suas famílias como parte do processo de pesquisa na área, tal como

consta nas palavras de Camargo e Gotman. Já Lashley menciona algumas experiências de viagens para idealizar o processo de hospitalidade que denomina como genuína. Isso evidencia o caráter antropológico da pesquisa em Hospitalidade diante da inseparabilidade do pesquisador com o objeto estudado.

O aspecto crítico das formas comerciais do próprio turismo também são fatos que situam a Hospitalidade como uma prerrogativa científica para os pesquisadores durante as entrevistas. Fica evidente que Camargo, Lashley e Gotman não situam o interesse pelo tema da hospitalidade em sua forma de mercado ao demonstrarem suas críticas ao turismo enquanto atividade comercial. Ainda assim, não se trata de excluir o mercado da análise, mas sim fornecer aspectos críticos para (re)pensar os laços sociais e as virtudes possíveis na sociedade de consumo da qual fazemos parte.

A superação de dicotomias é um ponto importante para a reflexão da Hospitalidade. O próprio ritual *potlach* estudado por Mauss (2008) também se valia de um sistema econômico das trocas. Na contemporaneidade poderíamos falar sobre economia solidária e economia circular. O que está em jogo é o ponto de partida e de chegada, pois a Hospitalidade, enquanto relações sociais, não pode estar somente a serviço do mercado. Lembremo-nos do que o poeta Victor Hugo (Desejos) profetizou ao desejar que ganhemos dinheiro, mas que devemos olhar para ele, pelo menos uma vez, e deixar claro quem é o dono de quem.

### **Dilemas Teóricos da(s) Hospitalidade(s)**

Ao refletir as prerrogativas teóricas para o campo da Hospitalidade vê-se que os entrevistados possuem plataformas de análise que são comuns entre si e outras distintas. Assim sendo, alguns outros dilemas foram levantados e buscamos relacionar questões correlatas entre tais.

Camargo demonstrou sua intenção em pesquisar metodologias para o estudo da Hospitalidade a partir das cenas e seus ritos de passagem com três categorias: separação, o limiar e a integração. Assim como o autor se propôs nas dimensões da hospitalidade (doméstica, comercial, pública e virtual) vê-se a contínua tentativa de situar categorias objetivas para o estudo do campo. Em um dado momento da entrevista, Camargo diz que o domínio comercial foi inserido dentre as dimensões, mas que o próprio autor se coloca em dúvida sobre tal.

É até gozado porque eu dito os domínios da hospitalidade, o mesmo título que o Lashley (2004) dá para um quadro dele. Através deste quadro Lashley (2004) quis fazer epistemologia e, ainda, quis dizer que existe um núcleo da hospitalidade que mistura o social, o privado e o comercial. Aliás, o comercial eu nem sei porque está lá, mas enfim, está lá. O meu estudo foi só para mostrar para os alunos: olhem a extensão do campo de estudo que vocês têm! (Carmargo em entrevista a Brusadin, 2016, p. 243)

Lashley também trata a hospitalidade de forma mais ampla que a hotelaria: “a ideia é que o que a hospitalidade faz, de certa forma, é nos estimular a ver o mundo a partir dessa perspectiva amplamente aceita, de modo que não estejamos apenas nos remetendo a hotéis” (Lashley em entrevista a Brusadin, 2016, p. 10). O autor ainda realiza uma crítica às formas de trabalho na hotelaria e sugere a Antropologia como forma de ampliação dos estudos em Hospitalidade que estão em sua maioria sob o âmbito da performance (desempenho). Nesse sentido, Lashley diz que podemos aprender Hospitalidade com o teatro e com a arte e, diante disso, classifica o seu próprio modelo de hospitalidade como “bem simples”.

Em diálogo com o pensamento francês, Lashley diz que Derrida falou sobre hospitalidade incondicional e ele falou de hospitalidade altruísta de modo que todos estão basicamente dizendo a mesma coisa e que se trata de dar sem qualquer pensamento de ter algo de volta. Esse pensamento de Lashley revoga a ideia de uma Escola Anglo-Saxã situada de forma dicotômica de uma Escola Francesa: eis o perigo da Hospitalidade única.

Quanto insistimos nessa questão ao perguntarmos sobre a relação dos seus estudos com a perspectiva francesa, Lashley afirma:

[...] podemos estar usando modelos e linguagem levemente diferentes, mas, em última instância, estamos dizendo coisas muito parecidas. Então, há sempre essa tendência a partir de um ponto de vista sociopsicológico de rejeitar o estranho. Por outro lado, depende de como você enxerga os limites. Mas essas são ideias muito similares, de fato a hospitalidade nos fornece uma maneira de pensar especificamente sobre o visitante, o estranho, mas, em último caso, esses ângulos são vistos na perspectiva de sexos e raças (Lashley em entrevista a Brusadin, 2016, p. 14).

Fato é que Camargo e Lashley pareceram atender os anseios dos próprios cursos e estudantes que trabalhavam ao delimitar a questão comercial para o estudo da Hospitalidade e na ocasião das entrevistas fizeram questão de ampliar o arcabouço teórico da Hospitalidade, pois entendem que seus modelos possuem limites. Nos resta refletir as razões de tais modelos se sobressaírem nos estudos e pesquisas em Hospitalidade. A resposta está nas próprias palavras de Lashley que afirma que é um modelo simples e isso facilita a sua apreensão, ou seja, efeitos didáticos para o ensino.

Gotman (em entrevista a Brusadin, 2022, p. 783) ao tratar da questão comercial na Hospitalidade se pergunta: "hospitalidade comercial, qual é a sua vantagem, ousou dizer? Ela dispensa o dom e, em particular, a relação<sup>4</sup>." Na afirmativa já é possível identificar o posicionamento da pesquisadora diante do dilema da hospitalidade comercial enquanto forma de Hospitalidade. Entretanto, momentos depois, a pesquisadora afirma que "a hospitalidade comercial tem a vantagem de ser um serviço que envolve um mínimo de vínculos sociais"<sup>5</sup>. Na visão de Gotman, a hospitalidade, mesmo sob a premissa comercial, pode gerar vínculos sociais, ainda que essa seja o oposto da hospitalidade doméstica por conter obrigações que não existem no âmbito comercial. No entanto, para a pesquisadora, a hospitalidade doméstica é livre do ponto de vista monetário, mas quando se trata dos esforços do anfitrião e do hóspedes "custa caro" diante das obrigações mútuas.

Uma dada dialética do próprio discurso faz parte da narrativa de Gotman que, no que lhe concerne, critica a ideia de hospitalidade incondicional de Derrida ao dizer que não sabe porque o autor insiste tanto nisso.

Eu vejo algo muito sacrificial, beirando o muito cristão, mas isso existia mesmo nos conventos? Não tenho certeza. Creio que era muito condicional até a hospitalidade nos conventos. É um ideal, é uma aspiração. Mas, precisamente, acho que num período como o nosso onde, como dizer, somos muito moralistas, dói muito propor ideais assim, porque, de repente, se não há hospitalidade incondicional significa que não são hospitaleiros. Não para mim. Ser hospitaleiro não é ser incondicional, senão ninguém o seria (Gotman em entrevista a Brusadin, 2022, p. 783 – tradução livre).<sup>6</sup>

É notável perceber que o Gotman ao trabalhar com as condições de reciprocidade das trocas de Mauss vê como inviável a perspectiva derridariana. Esse fato nos permite dizer que a intitulada Escola Francesa também não é única e o debate sobre as relações de hospitalidade podem variar frente às questões comerciais, ao movimento migratório, ao atributo urbano, ao patrimônio cultural, à família, à assistência social e muitos outros.

<sup>4</sup> "hospitalité commerciale, quel est son avantage, si j'ose dire ? C'est qu'elle dispense du don et notamment de la relation» (tradução livre).

<sup>5</sup> "l'hospitalité commerciale, elle a cet avantage que c'est un service qui implique un minimum de lien social" (tradução livre).

<sup>6</sup> "Moi, j'y vois quelque chose de très sacrificial, à la limite de très chrétien, mais est-ce que même ça existait dans les couvents ? Je ne suis pas sûre ! Je crois que c'était très conditionnel même l'hospitalité dans les couvents. C'est un idéal, c'est une aspiration. Mais justement, je trouve que dans une période comme la nôtre où, comment dire, on est très moralistes, ça fait beaucoup de mal de mettre en avant des idéaux comme ça, parce que, du coup, si on ne fait pas de l'hospitalité inconditionnelle, ça veut dire qu'on n'est pas hospitaliers. Non. Pour moi, non. Être hospitalier, ce n'est pas du tout être inconditionnel, sinon personne ne le serait." .

Porém, diferentemente de Lashley e Camargo que não se opõe diretamente a atividade turística, Gotman diz que é preciso se opor ao turismo, pois este é uma forma de hospitalidade comercial, não gratuita, e é uma forma de vender o vínculo social. A pesquisadora menciona o exemplo do próprio bairro (1.º *arrondissement* de Paris e próximo ao Museu do Louvre) em que ela não conhece mais ninguém e não tem mais ajuda mútua. E insiste: "Mas que tipo de atividade é o turismo? É para conhecer outras pessoas? Não tenho certeza. O que isso faz com as comunidades locais? Pode trazer-lhes dinheiro, pode ser benéfico, pode salvar comunidades. Mas para algumas comunidades que são salvas, quantas são massacradas?" (Gotman em entrevista a Brusadin, 2022, p. 787 – tradução livre)<sup>7</sup>.

A ideia de se opor ao turismo, levantado por Gotman, é uma perspectiva de se pensar outras formas de turismo que não sejam movidas apenas pelo interesse de compra e venda, afinal o próprio local de moradia da autora foi transformado pela atividade. Alguns intelectuais franceses também discutiam, naquele momento da pesquisa, a possibilidade de estarmos atingindo o fim da hospitalidade (Brusadin, 2021) diante da crise migratória que assola(va) o território europeu. Importante dizer que esse tipo de retórica intelectual não se trata de ser contra o estudo destas áreas ou suas atividades em si, mas sim repensar o *modus operandi* do turismo (como comércio) e da própria hospitalidade (como solidariedade) a partir do pensamento crítico e humano.

Nas entrevistas realizadas com Camargo, Lashley e Gotman o tema da Hospitalidade foi a causa e a consequência dos encontros. Dentre as premissas teóricas levantadas percebemos as inúmeras possibilidades de reflexões levantadas sobre Hospitalidade que entrelaçam professores, pesquisadores e estudantes de diversas áreas do conhecimento humano e social aplicado no Brasil e no mundo, ainda que com diferentes concepções. Buscamos trabalhar os pontos em comum que poderiam contribuir com o debate do presente artigo, no entanto, os pesquisadores tocaram em pontos específicos que não foram trazidos à tona, tais como, o urbanismo, a imigração e a educação.

---

<sup>7</sup> "Mais qu'est-ce que c'est comme activité que le tourisme? Est-ce que c'est pour connaître d'autre gens ? Pas sûre. Qu'est-ce que ça fait aux milieux locaux ? Ça peut leur rapporter de l'argent, ça peut être salubre, ça peut sauver des communautés. Mais pour certaines communautés qui sont sauvées, il y en a combien qui sont massacrées ? "

### **Portas Abertas da Hospitalidade: lacunas e possibilidades**

Ao pensarmos sobre os caminhos futuros da pesquisa em Hospitalidade, Camargo (em entrevista a Brusadin, 2016, p. 244) situa que ainda há neste tipo de estudo um arcabouço teórico a ser construído e que as "variáveis ainda são muito vagas". Entretanto, o autor afirma que, apesar do mundo egoísta o qual vivemos, as leis da hospitalidade são tão universais que o autor suspeita transcender a cultura de modo que a Hospitalidade tem o dom de trazer à tona boa parte da produção acadêmica que foi esquecida e coloca foco na virtude e no incremento do vínculo humano dentre as relações sociais. "O que eu desejo é que a Hospitalidade passe a ocupar o papel relevante como uma perspectiva nova de estudos nas Ciências Humanas, ou seja, onde houver relação humana exista o estudo da hospitalidade". (Camargo em entrevista a Brusadin, 2016, p. 246).

É possível observar a diversidade das pesquisas sobre Hospitalidade realizadas no Brasil as quais se entrelaçam com variadas metodologias e em arcabouços teóricos amplos e distintos. Ainda que sob o risco da ausência de um dado foco, presumimos que a diversidade que compõe a pesquisa na área forma-se não uma, mas várias Escolas Brasileiras de Hospitalidades cuja característica é a ausência de fronteiras e portas abertas. A internacionalização da pesquisa na área é apenas uma das características dos pesquisadores brasileiros, pois o constante diálogo com colegas do exterior auxiliaram em uma formação científica caracterizada pelo multilateralismo e multiculturalismo.

De toda forma, os estudos que surgem a partir da realidade latino-americana com a proposta decolonial podem redimensionar essa rede e ainda fortalecer as especificidades de nosso território sob nossa própria visão. Muitas lacunas científicas ainda existem no campo. É imprescindível situar a Hospitalidade para além dos estudos puramente empíricos, de um dado intelectualismo superficial e do emprego do tema como um manual artificial de boas-vindas. Outro problema a ser discutido é a fragmentação dos estudos de Hospitalidade em correntes científicas e supostas escolas do pensamento uniformizadas que reduzem a sua complexidade a devir de uma dada objetividade científica. Isso acaba por distanciar as pesquisas em Hospitalidade das questões subjetivas as quais inexoravelmente estão vinculadas ao tema.

Bourdieu (2002, p. 106) critica a retórica da objetividade científica, sendo que muitas oposições teóricas são fictícias e atuam como sistema de defesa fruto de uma metodologia sem

conceitos: “só podemos produzir a verdade do interesse se aceitarmos questionar o interesse pela verdade e se estivermos dispostos a pôr fim em risco a ciência e a respeitabilidade científica fazendo da ciência o instrumento do seu próprio pôr-se-em-causa”. Bourdieu (2002) também nos diz que a mesma cultura que une é a que separa. O mesmo preceito podemos pensar da hospitalidade: a hospitalidade que une também é a que separa, pois institui valores a um dado grupo em que o outro é supostamente desprovido de tais. Nessa perspectiva importa tanto estudar as identidades como as alteridades das práticas de acolhimento, assim como as formas de aceitação e rejeição do outro.

Antes de finalizar esse breve relato sobre as experiências dessas entrevistas e possíveis contribuições epistemológicas para a pesquisa em Hospitalidade é importante situar a nossa forma de compreendê-la enquanto abordagem teórica, mas não necessariamente com um conceito único, pois estes últimos por vezes se fecham em si mesmos. Em nosso modo de ver, o ato de hospitalidade é um ato político e um instrumento de troca social assimétrico com aspiração incondicional capaz de acolher o outro por meio de movimentos de reciprocidade e ressonâncias que visam inibir práticas hostis passadas e presentes.

Sobre a ideia incondicional, recorreremos Brugère e Le Blanc (2017) quando asseveram que a hospitalidade não é apenas incondicionada. Está na construção de dispositivos reivindicados coletiva e politicamente em função de uma sociedade com múltiplas identidades. A hospitalidade sempre foi um regulamento social e deve voltar a sê-lo. A hospitalidade funde-se com a figura do anfitrião, a quem a hospitalidade recebe ou dá; essa falta de distinção leva à criação de um espaço compartilhado. Em teoria, a hospitalidade é um formidável trocador, na prática, tanto separa quanto conecta. A relação é assimétrica porque a hospitalidade coloca o ato de deixar entrar na origem da relação; mas deixar entrar equivale dispor de um lugar e poder dele beneficiar alguém (BRUGÈRE ; LE BLANC, 2017).

Contanto, as entrevistas com os pesquisadores que inspiraram diversos cursos e programas de Hospitalidade no Brasil nos orienta para a composição de um campo que ultrapassa as noções comerciais e se vincula as relações sociais tecidas em diversos ambientes. O imperativo da assimetria para as políticas de hospitalidade torna-se o desafio para o campo frente crise da hospitalidade na contemporaneidade. O olhar para outro se contrapõe a linguagem dos pronomes “eu” e se questiona quem somos “nós” para lidar com os conflitos sociais oriundos da modernidade líquida. E, a partir disso, os estudos das Hospitalidades se voltam para as formas

de hostilidades a fim de repensar possíveis ressonâncias das relações humanas dentre si e com o planeta – a nossa casa comum. Para alcançarmos formas de hospitalidades diversas é preciso escapar dos estereótipos da hospitalidade única a qual estigmatiza povos e lugares. Pensar na pesquisa das Hospitalidades de forma integrada pode ser um ponto de partida.

## Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRUGÈRE, Fabienne; LE BLANC, Guillaume. **La fin de L'hospitalité**. Flammarion: Paris, 2017.
- BRUSADIN, Leandro Benedini. A Pluralidade da Pesquisa em Hospitalidade: A Escola Brasileira. **Rosa dos Ventos**, v.14, p.286 - 289, 2022.
- BRUSADIN, Leandro Benedini. O Estudo da Hospitalidade por Luiz Octávio de Lima Camargo: epifania da dádiva. **Revista Hospitalidade**, v.13, p.242 - 247, 2016.
- BRUSADIN, Leandro Benedini. O sentido do acolhimento na hospitalidade: entrevista com Conrad Lashley. **Caderno Virtual de Turismo (UFRJ)**, v.16, p.9 - 14, 2016.
- BRUSADIN, Leandro Benedini. Leandro Brusadin invite Anne Gotman à répondre sur l'hospitalité et la migration. **Rosa dos Ventos**, v.12, p.778 - 788, 2020.
- BRUSADIN, Leandro Benedini. ¿El fin de la hospitalidad? Los conceptos sociales fundamentales de la hospitalidad. **PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades**, 4 (7), 107-119, 2021.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Os Domínios da Hospitalidade. In: DENCKER, Ada de F. M., BUENO, Marielys S. (orgs.). **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- DERRIDA, Jaques; DUFOURMANTELLE. **De l'hospitalité**. Calmann-Lévy, 1997.
- GOTMAN, Anne. **Le sens de l'hospitalité**. Essair sur les fondaments sociaux de l'accueil de l'autre. Paris: Presses Universitaires de Frances, 2001.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KANT, Emmanuel. **Ver la paix perpétuelle**. Flammarion: Paris, 2006.
- LASHLEY, Conrad. Hospitalidade e Hospitabilidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. XVII, n. especial, mai. 2015.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2008.

**Artigo recebido em: 28/11/2022.**

**Avaliado em: 07/12/2022.**

**Aprovado em: 08/12/2022.**